

FLÁVIO CHAVES FALA SOBRE “POEMAS DO ORIENTE E DE OUTROS REINOS”, MAIS RECENTE LIVRO DO POETA ORISMAR RODRIGUES (RECIFE: BAGAÇO, 2002)

O NETUNO QUE PARTIU PARA O ORIENTE

FLÁVIO CHAVES

Membro da Academia Pernambucana de Letras, Presidente da União Brasileira de Escritores –
Secção Pernambuco e Delegado Regional do Ministério da Cultura

A poesia se torna mais forte à medida que usamos dela para inovar a linguagem, a forma de dizer percepções interiores que despertem em nós o interesse pelo desconhecido, o que se encontra longe de nós. “Poemas do Oriente e de Outros Reinos” é um desses livros que nos transmite uma atmosfera de perfeita liberdade de criação, confirmando o amadurecimento do poeta Orismar Rodrigues nos liames literários.

Orismar tem a alma lírica que herdamos de nossa civilização portuguesa. Há na poesia desse poeta de Gravatá um excesso de luz que deixa as manhãs cegas, como afirma em seus poemas. Uma lírica que convivendo com a luz tropical, canta um Eros especial, grego por nascimento, que aponta suas influências maiores, conscientes ou não. A poesia do seu *Navegador do Tempo*, segundo palavras do crítico de arte Henrique Alves “se oferece sem receios ao leitor desprevenido ou que ali busca apenas emoção, mas não se entrega fácil ao olhar crítico que busca por entre as veredas o eixo em torno do qual sua poesia se constrói”.

Em que canal ‘Netuno’ sepultou o sonho? A esta pergunta feita por Rubem Rocha Filho na orelha do *Navegador*, o autor procurou responder ao longo da sua obra, quando abusa das cores, reiterando sua sensibilidade e confirmando sua visão multicolor da vida e da morte, da alegria e da tristeza, principalmente da dor, da solidão e do amor. A própria morte tem “face de lua cheia” e, no entanto, é “branco o luto”. Segundo o dizer de Tereza Tenório, em seu prefácio ao *Navegador*, o poeta revela-se “pertencente a uma geração que transcendeu a prosa de linhas cortadas em poemas, utilizando uma linguagem poética em multifacetadas metáforas”. Orismar enxuga o texto, procurando nele a forma exata, não esquecendo de trazer à tona seu *self*, com raízes profundas na sua infância. Sua lírica é profundamente cosmopolita, mesclando a leitura dos clássicos e modernos, com poemas nascidos de suas viagens a Itália, Portugal, Grécia, Alemanha,

etc. Orismar procura uma contemplação ativa e um êxtase prolongado que desabam numa paz somente encontrada nos *hai-kais* mais antigos, anteriores à Segunda guerra, guardando o pleno, o Paraíso.

Este mesmo estilo ressurgue em “Poemas do Oriente e de Outros Reinos”, juntamente com o verso livre, nos defrontando com uma temática nova na obra de Orismar. Colocando seu olhar sobre os mitos e sabedoria orientais, largando um pouco a descoberta da mitologia ocidental de livro anterior, o autor vai sobrevoando as principais cidades do Oriente, nos faz mergulhar no sentido do amor oriental, quando “a vida é um labirinto de espelhos” (Imagem), descrita “nesse instante de dúvidas e incertezas, / de presenças e ausências”. Traduz uma poesia menos chorosa, não lamentando os mortos, mas “falando de seu desamor com eles’ (sem lágrimas). Confessando que “o pranto, a felicidade, a despedida/ apressam e retardam a vida”. Com isso, abre-nos “a casa de novo/ para receber os amigos’ que virão desejá-los Bom-Dia” (Boas-Vindas).

O Oriente é fonte de mistério, sobretudo de descoberta. E do Oriente provém uma necessidade de “se consultar as estrelas” (Dúvida). Nova Délhi, Bagcoque, Bora-Bora, Kathmandu. Orismar vai encontrando nas palavras dessas cidades a poesia, a lírica, o ritmo de vida propício a interiorizar as ações quotidianas. “Na curva do rio/ caminho das águas, / o sonho se desfaz”. (Destino). E como os rios, o mar e a natureza são caros aos orientais! “Águas profundas sepultando liberdades!” (Desalento). A vida é bela porque “bela é a rosa”, numa referência ao grande Drummond, que encontrou na tragédia das bombas de Hiroshima e Nagasaki o profundo desprezo do homem pela existência, mas também a luta pela reconstrução. “A vida é morte/descrita nesse instante/ de dúvidas e certezas/de presenças e ausências” (Mistério).

Para o lirismo oriental, porém, Orismar se entrega completamente, pois declara: “meus olhos / são/ o/ tempo” (Momentos); “arrasto nos pés/o desencanto das estradas, / o instante desse tempo de atalhos/ que me deixaram cicatrizes na alma/e, nas mãos, os espinhos das colheitas das carícias” (Incredulidade). Mas, neste mar, Orismar enxerga que “náufragos desencantados, suicidas, / encontrarão o consolo para continuar/ sua triste e solitária viagem” (Navegante). E confessa: “amanhã, se chorarem, entenderão meu olhar” (Egoísmo).

Mas há um profundo sentimento ocidental, como não poderia deixar de ser, nos versos desses “Poemas do Oriente”, que, por vezes, trai o autor. A referência ao grande mártir da sociedade Ocidental, que nasceu e viveu no oriente, Jesus Cristo, se apresenta por meio desses versos: “na cruz, / Ele expirou/para renascer. / Morte e vida, / vida e morte. ” (Paixão), “abro os braços e o tenho crucificado em mim’ (Crucificação), “dêem-me de beber

desse sangue” (Brinde), “não usem o meu coração/ para crucificar-se” (Nunca mais).

Dessa viagem Orismar retorna com humor, por meio do poema *Para Gastón*: Gastón,/ Gastoncito,/ cara de cabrito. (...) Hás sido la cosita/ buena y alegre em mi vida/ pedacito de gente/ quién me há dado sueño y felicidad,/ y a tu padre y a tu madre, también.” (...). Retorna, porém, as suas origens nordestinas e pernambucanas, procurando descobrir no rio São Francisco “um segredo revelado somente às águas/que contou aos peixes / que o levaram para o mar” (O São Francisco). Traz a tona os sítios de Gravatá, onde “comia goiabas, escondido, e, menino, levava para casa/ frutos de sóis”. (Lembranças). E pergunta: “Cadê as margaridas, as romãs, / e o olhar deles, / meu céu?” (Lembranças).

A nós, Orismar, simples argonauta nessa viagem de fascínio e descoberta, resta deixar-nos guiar pelo teu sentido das estrelas, modificando o olhar na viagem da volta, sem Netuno, mas, com certeza, cercado de Odaliscas, rios e sabedoria orientais! Fica-nos a ânsia dos prazeres, as volúpias dos sentidos que tão bem o poeta nos retrata nesses “Poemas do Oriente”. E a contemplação de uma terra que gerou todos os viventes, ainda hoje tecendo fantasias em nossas mentes ocidentalizadas, permitindo-nos, na leitura de trabalhos como esse, deliciar-nos com os mistérios de Mão-Tsé Tung, Gandhi, Confúcio e as mil e uma noites!

Na seqüência selecionamos três poemas de Orismar:

MISTÉRIO

*O que vêem
os olhos do rato
acossado
pelo olhar do gato?*

*A inquietação na retina
afugenta a morte.
Mas a vida é morte
descrita nesse instante
de dúvidas e certezas,
de presenças e ausências.*

*O medo da luz
nos olhos do rato e do gato
é o registro real
desse momento.*

AVENTURA

*Ah, essa vontade
de andar sobre as ondas,
ser saudado por Netuno.
Ir até os rochedos
libertar das correntes Prometeu.*

*O caminho de volta à praia
quero fazê-lo no colo
de quem me tem
prisioneiro em seus braços.*

CONTO DE FADAS

Para Cláudia Holanda

*Conta-me histórias,
bandoleiro viajante,
de reinos distantes,
de bosques de luz.*

É vão o céu?

*Um resto de sol,
manchas antigas,
lustram o ladrilho
da casa assombrada.*

*No jardim,
o vento do verão em brasa
queima o silêncio verde das avencas.*

*Conta-me histórias
desvairado guerreiro.
Na colina encantada
renascem luas,
tontas lembranças.*

*Diz-me, leviano caçador:
“O que faço
com esse buquê de amores-perfeitos?”*